

## A Oração Dominical

Em um trecho importante do Sermão do Monte, Jesus ensina os discípulos a orar (Mateus 6.5-15). Jesus ensina os discípulos a necessidade de termos a motivação correta para a oração, bem como um conteúdo de oração adequado para esse momento qualitativo de relacionamento (Mt 6.5-8). Logo depois de instruir seus discípulos nesse sentido, Jesus então dá um comando: “Você, orem assim...” (Mt 6.9), e logo em seguida Jesus ensina seus discípulos aquela que ficou conhecida como “Oração do Pai Nosso”, ou como os reformados tradicionalmente a chamam: “A oração dominical”.<sup>1</sup>

Esta oração foi alvo de inúmeras reflexões ao longo da história da igreja. Martinho Lutero, João Calvino e muitos outros teólogos famosos dedicaram tempo e reflexão a compreender essa oração e seu papel na vida do cristão. Calvino dedica um longo trecho do famoso capítulo XX do Livro III das *Institutas*, um capítulo inteiro sobre a oração. Ao longo deste capítulo Calvino foca sua atenção e interpretação em cada frase desta oração.<sup>2</sup>

Contudo, o que Jesus está nos ensinando na Oração Dominical? Os reformadores insistiram que não se trata de uma oração a ser repetida, mas um modelo de oração. O Catecismo Menor de Westminster afirma em sua pergunta de número 99: “Qual é a regra que Deus nos deu para nos dirigir em oração? Resposta: Toda palavra de Deus é útil para nos dirigir em oração, mas a regra especial de direção é aquela forma de oração que Cristo ensinou aos seus discípulos, e que geralmente se chama a Oração Dominical”.<sup>3</sup>

Calvino insiste que a Oração Dominical é “um padrão completa, perfeito e absoluto da oração legítima”,<sup>4</sup> demonstrando como Jesus ensinou os discípulos um modelo de oração, uma maneira de orar que agrada a Deus e que possui os elementos legítimos. Calvino também cita que muitos oram segundo os desejos pecaminosos de seu coração, o que torna suas petições e orações ilegítimas.

É um fato que a Oração Dominical é um modelo de oração, pois através dela Jesus está ensinando seus discípulos como orar, e não ‘o que orar’, como contrasta o comentarista D. A. Carson.<sup>5</sup> Mas afinal, o que Jesus está ensinando então através do modelo da Oração Dominical? Primeiramente, Jesus está nos mostrando os elementos que devemos incluir em nossa vida de oração cotidianamente. Como uma dieta que precisa ser rica em diversos nutrientes diferentes para ser eficaz, a oração precisa conter alguns elementos básicos. Verduras são boas para a saúde, mas não podemos comer apenas verduras. E que elementos são estes? Tradicionalmente, a oração é dividida em seis petições como o fazem o Catecismo de Heidelberg<sup>6</sup> e o Catecismo Menor de Westminster<sup>7</sup>. João Calvino demonstra que as primeiras três petições seriam visando a glória de Deus e as outras três nossas necessidades.<sup>8</sup>

Contudo, podemos olhar para os elementos que compõem a oração dominical e aprender como incluir esses elementos em nossa dieta diária de oração.

## Vitaminas da vida de oração

Primeiramente, vamos dar uma olhada na tradução que Eugene Peterson faz dessa oração:

Nosso Pai do céu, Revela-nos quem tu és.

Dá um jeito neste mundo.

Faz o que é melhor — tanto aí em cima quanto aqui em baixo.

<sup>1</sup> CATECISMO MENOR DE WESTMINSTER, Pergunta 99.

<sup>2</sup> CALVINO, João. *As Institutas* – Livro III. São Paulo: Cultura Cristã, p.317-382

<sup>3</sup> CATECISMO MENOR DE WESTMINSTER, Pergunta 99.

<sup>4</sup> CALVINO, João. *As Institutas* – Livro III. São Paulo: Cultura Cristã, p.378

<sup>5</sup> CARSON, D. A.: Matthew. In: GAEBELEIN, F. E. (org.): *The Expositor's Bible Commentary: Matthew, Mark, Luke*. vol. 8. Grand Rapids, MI : Zondervan Publishing House, 1984, p. 169

<sup>6</sup> CATECISMO DE HEIDELBERG, Perguntas 120 a 129.

<sup>7</sup> CATECISMO MENOR DE WESTMINSTER, Pergunta 99 a 107.

<sup>8</sup> CALVINO, João. *As Institutas* – Livro III. São Paulo: Cultura Cristã, p.362,363

Conserva-nos vivos com três boas refeições.  
Preserva-nos perdoados por ti e perdoadando os outros.  
Guarda-nos de nós mesmos e do Diabo.  
Tu estás no comando! Tu podes fazer tudo o que quiseres! Tua beleza é fascinante!  
Amém. Amém. Amém.<sup>9</sup>

O primeiro elemento que Jesus destaca é a adoração. Jesus nos ensina a orar dizendo em primeiro lugar “Abba”, chamando Deus de Pai. Essa maneira de se dirigir ao Eterno não era comum para as pessoas no tempo de Jesus, o que indica que Jesus estava ensinando as pessoas a se relacionarem com Deus em um relacionamento de Pai e filho da mesma maneira que Ele próprio se relacionava. Ao nos ensinar a orar assim, Jesus está nos lembrando na presença de que Deus acabamos de entrar: um Pai amoroso, um Deus pessoal que se importa e que cuida.<sup>10</sup> Ao iniciar a oração com dirigindo-se ao Eterno como Pai e olhando para sua grandiosidade (“Está no céu...”) bem como sua presença (“Pai nosso...”) Jesus está nos ensinando a ingressar no período de oração colocando os olhos no Pai. A primeira coisa é nos colocarmos diante de Deus e deixarmos que o nosso coração possa descobrir que estamos diante do Eterno, diante de sua beleza e amor. A adoração nesse sentido é nos ajoelharmos diante do Eterno, colocarmos nossos olhos e nosso coração nele.

Outros dois elementos importantes aparecem combinados: a petição e a gratidão. As petições para que o governo de Deus venha, para que a vontade de Deus seja feita, para que o sustento do Senhor seja abundante sobre nossas vidas nos ensina que o cristão ora pedindo não apenas por si mesmo mas pelas causas que envolvem o Reino de Deus. Poderíamos até mesmo fazer distinção entre a petição por si mesmo – súplicas – e a petição por outros – intercessão. A petição ocorre quando deixamos nossas necessidades nas mãos do Pai ao mesmo tempo em que nos deixamos a nós mesmos nas mãos do Pai. Pedir para que o Pai cuide de nossas necessidades é o mesmo que pedir ao Pai de cuide de nós e por isso a petição é uma auto entrega, uma rendição ao cuidado do Pai. A intercessão é um ato tanto de fé para com Deus como um ato de amor para com meu irmão. A intercessão é também um ato de mediação, no qual nos colocamos entre as pessoas que amamos e o nosso Deus e intercedemos por suas vidas e suas necessidades. O texto de Êxodo 17 é uma narrativa poderosa que mostra através de uma história impactante o poder e a necessidade da intercessão.

A gratidão é um elemento poderoso e transformador da vida de oração, uma expressão de reconhecimento e agradecimento por tudo que o Senhor é e faz por nós, em nós e através de nós. A gratidão procura manter sempre fresca na memória e no coração a lembrança dos atos do Eterno em nosso favor e procura equilibrar a vida espiritual de maneira que possamos ser mais gratos pelo que o Senhor já fez do que ansiosos pelo que o Senhor fará. A gratidão nos dá equilíbrio necessário na vida de oração, pois não deixa que nossas necessidades acabem transformando o momento de oração em uma enxurrada de petições.

Outro elemento importante da oração é a confissão. Jesus nos ensina a pedir para que o Eterno nos livre do Maligno, nos guardando a salvo da tentação. Contudo, tradicionalmente também vamos ao Eterno para pedir perdão pelos pecados consumados em nossa vida diária, confessando-os pelo nome, com especificidade e franqueza.

Por fim, a oração dominical finaliza com expressões de louvor. Tradicionalmente a igreja ao longo dos séculos tem feito distinção entre a adoração e o louvor com fins pedagógicos. O louvor refere-se ao ato individual ou coletivo de elogiar, bendizer e celebrar o Eterno pelo que Ele é e faz.<sup>11</sup> Já a adoração é uma experiência mais íntima e profunda. Amorese a define da seguinte maneira: “A palavra adoração traz conotações mais íntimas e afetivas, que apontam para expressões de amor (ágape). Ela não se materializa em liturgia, embora esteja na gênese do louvor e da liturgia. A adoração, assim como o amor, não se vê. O que aparece é seu resultado exterior, como expressão dramática da intimidade. Hermisten M. P. da Costa nos lembra que no contexto do encontro com o Eterno “o adorador adora a Deus contemplando a Sua Majestade [adoração] e, neste ato de culto, há uma exclamação de admiração diante da grandeza de Deus [louvor]”.<sup>12</sup>

Enquanto a adoração é o nosso movimento de nos voltarmos inteira e interiormente para o Eterno, o louvor significa louvamos o Senhor, bendizer o seu nome, reconhecendo e exaltando quem Ele é para nós. Estes elementos combinados trazem equilíbrio a vida de oração e podem ser lembrados pelo acróstico ACASI: Adoração, Confissão, Agradecimento, Súplicas e Intercessão.

<sup>9</sup> PETERSON, Eugene. *A Mensagem*. São Paulo: Editora Vida, 2011, p.1384-1385

<sup>10</sup> CARSON, D. A.: Matthew. In: GAEBELEIN, F. E. (org.): *The Expositor's Bible Commentary: Matthew, Mark, Luke*. vol. 8. Grand Rapids, MI : Zondervan Publishing House, 1984, p. 169

<sup>11</sup> AMORESE, Rubem. *Louvor, Adoração e Liturgia*. Viçosa: Ultimato, 2004, p.24,25

<sup>12</sup> COSTA, Hermisten Maia Pereira. *Teologia do Culto*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1987, p.41